

**Edificando sobre fundamento alheio: a catequese calvinista no Brasil colonial
(1630-1654).**

Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas – PPG-UFF

A presença do protestantismo no Brasil se institucionalizou, pela primeira vez, no século XVII, quando da dominação holandesa em parte do nordeste brasileiro, entre o Ceará e o Rio São Francisco. Com efeito, tal dominação estava relacionada às disputas coloniais pelo território português ou hispano-português na América. Mas, para os homens e mulheres dos séculos XVI e XVII, estas questões geopolíticas e econômicas não estavam desvinculadas do fenômeno religioso. Portanto, há que se considerar, para além das questões econômicas ou de disputa de poder, o projeto de implantar o Calvinismo nos trópicos, bem como as diversas reações e conflitos que esse projeto missionário desencadeou.

No que tange às populações autóctones, faz-se necessária a reconstituição da dinâmica pela qual o evento histórico de evangelização levada a efeito pela Igreja Cristã Reformada — também ela, tal como a Católica, portadora da mesma simbologia religiosa da Europa medieval e renascentista —, foi recebida e re-elaborada pelas culturas nativas a partir de suas próprias representações e concepções de mundo. Considerando que, no nordeste subjugado pelos holandeses, tratavam-se de índios já catequizados pela Igreja Católica e que estes sofrem, num segundo momento, uma (re)catequese da Igreja Cristã Reformada, há que se problematizar as especificidades históricas e as singularidades (trans)culturais desse complexo processo de reconversão do convertido ou re-evangelização do evangelizado. Em suma, nas palavras de Robin Wright, é necessário reconstituir mais um dos “*múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas*”.¹

Quando os missionários da Igreja Cristã Reformada se estabeleceram no Brasil holandês, praticamente cem anos de catequese já estava em andamento. Aos indígenas já havia sido anunciado o Deus dos cristãos, pelas ordens religiosas da Igreja Católica Apostólica Romana. Um sistema de homologias já havia sido criado: Deus era Pai Tupã...

Conceitos, vocabulário, dogmas, já tinham sido estabelecidos. Uma pedagogia já havia sido construída. Um projeto catequético já se desenrolava.

Considerando os trabalhos que tratam da questão de traduzir tradições e todas as questões que envolveram o projeto de transpor para o vocabulário ou mais precisamente para o imaginário indígena a mensagem cristã, pretendo aqui fazer uma reflexão sobre o trabalho de evangelização desenvolvido pelos missionários da Igreja Cristã Reformada no Brasil holandês. O que chamei de “*edificando sobre fundamento alheio*”.

O encontro da Cruz Reformada com Pai Tupã, certamente, constitui tema fascinante, mas que no momento, é certo, suscitará mais perguntas do que respostas. A falta de trabalhos que problematizem a presença da fé reformada em terras brasílicas e a limitação documental torna difícil tal empreendimento.

Posto isto, proponho neste trabalho, um esboço panorâmico da catequese Reformada junto aos índios no Brasil holandês, com o propósito de avaliar sua importância no âmbito dos encontros culturais que se deram na América portuguesa.

Conforme informação da administração do Brasil Holandês, os índios eram católicos por profissão, sabendo tão somente a oração dominical, e o símbolo dos apóstolos. Van Der Dussen em relatório à Companhia diz deles que, sabiam apenas o nome de Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora e que de forma geral não sabiam explicar as razões da fé e o fundamento da salvação.² Barléus os classifica de “*remissos em matéria de religião*”.³

Portanto, capacitá-los a dar razão da fé e conforme recomendação dos Senhores XIX, extirpar a heresia papista, esta seria a tarefa dos missionários reformados no Brasil holandês. Com efeito, o Conde Maurício de Nassau ordenou aos “*pregoeiros da palavra divina zelo sério e flagrante das almas e que atraíssem os bárbaros com o exemplo de uma doutrina e vida mais austera; que os impregnassem com o suco salutaríssimo da fé cristã (...)*”.⁴ O reverendo David van Dorenslaer foi o primeiro missionário a ser enviado para uma aldeia na Paraíba.

Como parte do projeto de evangelização os pastores reformados decidiram por elaborar um Catecismo para a instrução dos indígenas nas verdades da Religião Cristã

Reformada. Para fixar a “ciência da salvação” em fórmulas que todos pudessem “confessar”, os grandes reformadores protestantes, e depois os bispos católicos, escreveram catecismos*.

Na verdade, os catecismos já existiam antes da Reforma, mas a novidade é que a partir deste momento, as orações e os principais elementos da doutrina passaram a ser elaborados na forma de perguntas e respostas alternadas. Tais manuais, os catecismos, foram, primeiramente, guias para os que ensinavam. Elaborados a princípio para ser o “livro do mestre”, em pouco tempo tornou-se o livro do aluno. Exemplo disso foi o pequeno catecismo de Lutero, elaborado com a finalidade de auxiliar pastores incultos, mas que em pouco tempo passou a fazer parte da vida dos leigos. Daí, afirmando a seu respeito, que se tornara a “Bíblia do comum”, “um curto resumo de todas as Sagradas Escrituras”.

O catecismo tornou-se tão importante como via de instrução religiosa laica que em muitas partes da Europa a capacidade de responder de forma correta as perguntas deste, constituía um pré-requisito para a admissão a Ceia do Senhor, principal ritual das Igrejas Protestantes.

Visto, portanto, a importância que o catecismo desempenhava como via de instrução religiosa, não surpreende que em outubro de 1638 a liderança da Igreja Reformada, reunida no Recife, decidiu por elaborar um novo Catecismo, já que o Catecismo do reverendo Joaquim Soler elaborado em 1637 em espanhol não retornava da metrópole, para onde tinha sido mandado para a impressão. Decidiram por elaborar “*um breve, sólido e claro compendio da religião christã*”⁵, contendo também formulários para Batismo e Santa Ceia, e enviá-lo à metrópole para ser impresso. Desta vez, elaborado pelo pastor David van Doreslaer com a ajuda do pastor Soler com revisão do pastor Van der Poel e Polhemius. Esse catecismo recebeu o título de “*Uma instrução simples e breve da Palavra de Deus nas línguas brasiliana, holandesa e portuguesa, confeccionada e editada por ordem e em nome da Convenção Eclesial Presbiterial no Brasil, com formulários para batismo e santa ceia acrescentados*”.

O manuscrito foi enviado à Câmara da Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdam, que o remeteram ao Presbítero de Amsterdam* para uma última revisão.

A comissão, designada pelo Presbitério, para a análise do manuscrito do “Catecismo trilingue”, concluíram não haver, propriamente, nada de errado com a obra. Mas ressaltavam que preferiam que algumas coisas estivessem colocadas de um modo um pouco diferente, ou seja, que tivessem seguido mais de perto a ordem do Catecismo de Heidelberg (com suas divisões básicas sobre a perdição, salvação e gratidão). Criticaram também a forma como elaboraram as perguntas, achando-as muito extensas e as respostas muito curtas. E por último que as fórmulas sobre o Batismo e a Santa Ceia eram diferentes das aprovadas pelo Sínodo de Dordt*, incluindo as orações. Portanto, concluindo ser perigoso a elaboração de novas fórmulas, o Presbitério sentenciou que tal manuscrito fosse devolvido à Companhia das Índias Ocidentais, sem autorização para a impressão e que se escrevesse à Igreja no Brasil tornando-a ciente da decisão.

Aquilo que o Presbitério em Amsterdam chamou de “novas fórmulas”, certamente, nada mais era do que o resultado da tradução da fé reformada, ou seja, de partes do Catecismo de Heidelberg e das fórmulas para o Batismo e a Comunhão, para a língua brasileira ou seja a língua geral. Numa carta endereçada ao Presbitério de Amsterdam, o pastor David van Doreslaer, autor do catecismo coloca estas questões. Diz ele que a

“simplicidade dos brasileiros exigia uma maneira um tanto infantil de ensinar, e ele procurou regular-se por esse fato. Além disso, era-lhe impossível usar literalmente as expressões da forma da ceia do Senhor, porque a língua brasileira era tão bárbara, que nela não era possível expressar todas as idéias teológicas; (...) Na própria Escritura todo o trabalho de redenção se expressa muitas vezes somente na palavra “sofrimento de Cristo”, e por isso maravilhava-se de que a Holanda tanto se assustasse. Posteriormente, quando soubesse melhor a língua, acharia se Deus quisesse, palavras para descrever essa imputação da justiça ativa”.⁶

O Presbitério aceitou a explicação do pastor Doreslaer, porém mais uma vez insistiu em que ele deveria ter sido mais cuidadoso no “*modo de expressar-se*”.⁷

Como teria se expressado o pastor em seu Catecismo? Teria lançado mão do vocabulário, dos conceitos do Cristianismo Tupinizado? Ou procedeu a sua própria invenção por meio de homologias entre as duas línguas, holandesa e geral, e enxertos de vocábulos holandeses no tronco Tupi como fizera os padres?

É certo que Doreslaer não escapou da realidade inexorável quando da necessidade de transpor para o Novo Mundo os padrões de comportamento e linguagem do Velho Mundo, que posta em situação, em face do índio, é estimulada, para não dizer constrangida, a inventar.⁸ No entanto, acredito que ele procedeu menos à invenção, do que a cópia daquilo que já fora inventado outrora, nos quase cem anos de catequese católica. É o que podemos inferir de uma informação do cronista Pierre Moreau onde tece elogios aos jesuítas por terem criado uma ortografia para a língua dos índios. E informa-nos este cronista que os missionários e mestres-escola da Religião Reformada se valiam desta mesma língua para seu trabalho missionário entre os índios.

“Os jesuítas são dignos de louvor por terem organizado uma ortografia que exprima todas as palavras e dicções de sua língua, muito próxima da pronúncia nativa, em letras de nossos caracteres (...) Os holandeses, depois, também sempre mantiveram pregadores e mestre-escolas para evangelizá-los e ensinar-lhes a religião cristã nessa mesma língua”⁹

Não obstante, o desejo da Companhia de que fossem alfabetizados em holandês, pelas informações que temos podemos inferir que esta se deu na língua geral, na língua dos inacianos.

A carta do pastor David van Doreslaer, que constitui uma das poucas pistas, até o momento, para pensarmos na transposição da mensagem cristã reformada para o interior dos códigos Tupi, ou mais precisamente para o interior da língua geral, foi escrita porque a

Companhia das Índias, não considerando o parecer do Prebistério de Amsterdam, publicou o “Catecismo brasileiro”, não sendo pequena a celeuma que tal decisão provocou. No entanto, do pequeno Catecismo brasileiro, a única certeza que temos é que parece ter desaparecido junto com os índios reformados do Brasil Colonial. Documento importante, de parte de nossa história e que nos ajudaria a pensar, entre outras coisas, nas questões de traduções, desapareceu. Ou descansa em algum arquivo ainda não explorado, ou numa coleção estranha a seu conteúdo.*

Seja como for, há muitas questões a serem pensadas a partir da presença reformada entre os índios, de parte do nordeste brasileiro, já cristianizados pelos inacianos e outras ordens religiosas.

Para concluir, nessa “*edificação sobre fundamento alheio*”, como chamei a catequese reformada, a qual para alcançar os seus intentos lançou mão da língua construída pelos missionários católicos, seria interessante perguntarmo-nos: que sentido teria adquirido para os índios a extirpação da “heresia católica”, visto já terem passado por esse processo quando da primeira catequese, a inaciana? Como entenderam ou elaboraram as informações dos missionários reformados a respeito de abandonarem as práticas cristãs já aprendidas com os padres e “abraçarem a verdadeira fé”? O que era, já não era mais. A verdadeira religião trazida pelos inacianos e implantada onde outrora havia o “engano”, transformara-se, também agora, em engano. Os reformados eram, agora, os portadores da “verdadeira religião”.

Assim, constatamos, mais uma vez, que a história dos índios só pode ser entendida a partir do entrelaçamento com a história européia. E que, importa identificarmos os processos, as negociações e os instrumentos através dos quais se processaram as transformações pelas quais passaram os grupos indígenas em contato com as sociedades ocidentais.

E, por fim, se tudo o que se transmite muda “(...) *porque os receptores, de maneira consciente ou inconsciente, interpretam e adaptam as idéias, costumes, imagens e tudo o que lhes é oferecido*”¹⁰, restaria uma última pergunta. E aqui tomo a liberdade de

parafrapear Bosi: atenderia o Deus dos brasileiros reformados pelo mesmo nome do Deus dos inacianos?

¹ WRIGHT, Robin.(org.) *Transformando os deuses*. Os múltiplos sentidos da conversão entre os índios do Brasil. Campinas: UNICAMP, 1999.

² DUSSEN, Adrien van der. *Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639). Suas condições econômicas e sociais*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1947.

³ Barleus. op. cit., p.133.

⁴ ibidem. p. 325.

* Exemplos famosos de catecismos são o pequeno catecismo de Lutero, de 1529, o catecismo de Calvino (principalmente em sua versão revista de 1542) e o catecismo de Heidelberg de 1563.

⁵ *Atas dos sínodos e classes do Brasil*, no século XVII, durante o domínio holandês. Ed. e trad. port. Pedro Souto Maior. RIHGB, tomo especial nº 1, do 1º Congresso Nacional de História: 707-80, 1912, p. 730.

• O Presbitério de Amsterdam era o responsável pela Igreja reformada no Brasil holandês.

• No Sínodo Nacional de Dordt em 1619, estabeleceu-se as “Fórmulas da união” adotadas pela Igreja Cristã Reformada: a Confissão Neerlandesa, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dordt.

⁶ Carta de 15/06/1642, encaminhada pelos representantes do Presbitério do Brasil aos Deputados do Presbitério de Amsterdam. Apud. SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil holandês. 1630-1654*. Recife: FUNDARPE, 1986, p. 323.

⁷ Ibidem, p.324.

⁸ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo:Companhia das Letras, 1992, p. 31.

⁹ MOREAU. op.cit., p. 86.

* O catecismo foi publicado na cidade de Enkhuisen, Holanda, em 1641, porém nunca foi encontrado um único exemplar. Ele já foi procurado nos arquivos sinodais na Holanda, num dos arquivos reais da Holanda, no catálogo central da Biblioteca Real de Haia, nos arquivos de Siegen e Kleve na Alemanha, na Biblioteca do Vaticano, no Bristish Museum em Londres, no antigo Missionary Research Library em Nova Iorque.

¹⁰ BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.249.